

DOM JOSE IVO LORSCHHEITER, bispo de St. Maria, rs.



Dom José Ivo Lorscheiter (* São Sebastião do Caí, 7 de dezembro de 1927 e + Santa Maria, 5 de março de 2007) foi o sexto bispo de Santa Maria.

Nasceu numa família simples e religiosa de origem alemã, tendo um irmão padre e vários familiares religiosos, dentre os quais seu primo Dom Aloísio Cardeal Lorscheider.

Dom Ivo foi o último bispo brasileiro nomeado pelo papa Paulo VI, ainda durante o Concílio Vaticano II, em 1965. Presidiu a CNBB durante o período mais obscuro do Regime Militar Brasileiro, entre 1965 e meados da década de 1970.

PENSAMENTOS

1. A Igreja é povo unido e participativo. Ela não pode ser feita de membros que estão lá só de nome, sem consciência da missão e tarefa que lhes é peculiar.
2. Cada um na Igreja tem a sua tarefa, a sua vocação. Nela não há possibilidade de haver membros passivos.
3. A Igreja do Brasil é uma das Igrejas mais significativas no conjunto das Igrejas no mundo, até pelo número de membros a ela pertencentes.
4. Cada pessoa, em cada nível da Igreja, deve cumprir aquilo que ela é capaz e não deve o nível superior abafar ou querer resolver aquilo que o nível anterior pode, por si, resolver. Cada um

deve fazer o que pode fazer, sem precisar, no caso da Igreja, apelar para um Bispo ou a Santa Sé. Isso no Brasil sempre foi colocado em prática na doutrina e na pastoral.

5. O objetivo da Assembléia de Medellín era a aplicação dos documentos conciliares na América Latina.
6. Medellín ajudou todo o clero, todos os religiosos e todos os leigos a perceberem o quanto o Concílio foi importante para a América Latina e o mundo todo.
7. No Brasil os Bispos ficaram muito felizes com o documento de Medellín, mas no regime militar, então vigente, os militares não gostaram e começaram a perseguir esse documento chamando-o de subversivo.
8. Depois do Concílio, como episcopado, tínhamos muito ardor pastoral no Brasil e nosso espírito se fez presente nas conferências gerais latino-americanas. Dentro do Brasil nós tivemos bons resultados disso tudo.
9. Numa das nossas assembléias gerais, quando eu era presidente da CNBB, veio de Roma, uma carta do Papa João Paulo II (trazida pessoalmente pelo cardeal Gantin). Ele me pediu para ler a carta a todos os Bispos. Na medida em que eu a lia o ambiente entre os Bispos ia se transformando. Em cada frase do Papa que eu lia aumentava a alegria dos Bispos e se transformavam os seus rostos. Quando eu terminei os Bispos bateram palmas por muito tempo.
10. E o Papa dizia: “Tenho que dar parabéns à igreja do Brasil pelo bem que ela fez à Igreja com a teologia da libertação. Se ela não tivesse surgido teria que ser criada. E disse ainda: a teologia da libertação não só é útil, como também necessária.
Para nós foi muito importante, porque a Congregação para a Doutrina da Fé havia eito vários documentos sobre a T.L. Com a carta do Papa tudo teve um fecho desfeito.
11. Quando terminou o meu período de presidente da CNBB, um Bispo brasileiro que estava em Roma perguntou ao Papa: - Agora que terminou o mandato dos Lorscheiter na presidência da CNBB, o que o Papa gostaria de dizer para o Brasil sobre isso? E João Paulo II respondeu: - “Diga aos Bispos brasileiros que o Papa ficou muito contente com a direção dos Lorscheiter na CNBB. Eles fizeram o que nós queríamos que eles fizessem. Eles faziam seus contatos com a Santa Sé e seus dicastérios, eles não vinham aqui para elogiar o Papa, porque o Papa não precisa disso, mas eles nos faziam ver o que poderia haver de dúvidas ou pedidos e se nos faziam bem conscientes do que ocorria no Brasil e assim pudemos ajudar melhor a igreja do Brasil.
12. Para mim o Papa Paulo VI é a figura mais impressionante desta série dos últimos Papas. Era um homem muito fino, muito delicado nos seus pensamentos e no seu jeito. Ele continuou o Concílio e levou-o a bom termo. Era um homem muito introspectivo e eu penso que ele merece realmente o chamamento de mártir da verdade, da verdadeira renovação da Igreja. Ele sofreu bastante.
13. Com o papa Luciani (João Paulo I)- Ele me convidou para almoçar logo depois da sua eleição. Ficamos juntos duas horas e ele falou o tempo todo. Então eu vi que figura esse homem seria como Papa. Ele até me disse o seguinte: - “O Paulo Paulo VI agendou a Conferência de Puebla e eu a reconfirmei. Querem que eu vá lá mas eu não vou! Não vou porque o governo mexicano, que é anticlerical quer que eu vá para propagar que é simpático à Igreja. Mas eu

não me sirvo para isso, para adular governos. E não vou, também, porque não me sinto em dia com a teologia latino americana e eu não quero estragar nada. Fico em casa e vou estudar melhor as coisas.”

14. O Papa Wojtyla foi um homem de definições claras. Ele me falou um dia que para ele o Papa deveria ser o grande pregador no mundo e para isso não poderia ficar só em Roma. Disse ainda que, se fosse por gosto pessoal, ficaria em casa, pois era mais contemplativo do que se imaginava.
15. Nas duas visitas que João Paulo II fez ao Brasil, eu estive todos os dias com ele e vi o quanto ele rezava nessas viagens. Ele me disse quando vinha ao Brasil: Dom Ivo, eu sei quanto devo cuidar muito no que vou e no que não vou dizer no seu país. Eu quero ajudar positivamente os Bispos do Brasil e a Igreja brasileira e não criar problemas”.
16. Pessoalmente eu gostaria que nossa Igreja fosse sempre mais corajosa em projetar, realizar o seu futuro.
17. Eu gostaria que fôssemos, como Igreja, superando sempre mais o escândalo a fome e da miséria no Brasil.
18. Quanto ao ministério de Pedro, eu gostaria de citar as palavras do Papa João Paulo II, muito surpreendentes, na encíclica sobre a unidade cristã “Para que todos sejam um”. Ele fez um pedido ou uma pergunta a todas as comunidades cristãs: “Eu gostaria de pedir a todos os grupos e comunidades eclesiais, q eu digam para nós, em Roma, digam para o Papa, qual é o modo que eles gostariam de ver e sugerir o exercício do trabalho do Papa na Igreja, o trabalho de ser primaz dessa Igreja!”
19. Eu perguntei lá em Roma se estavam chegando respostas ao pedido feito pelo Papa às comunidades cristãs. Então me responderam: - Tem vindo em grande quantidade, umas com respostas benévolas e outras mais duras. Estamos catalogando e ordenando todo esse grande material. Depois, na hora certa, nós iremos publicar e responder aos que mandaram as suas sugestões...
20. Quanto à inculturação diria: hoje o Evangelho precisa inculturar-se especialmente na cultura urbana para que a Igreja deixe de ser uma Igreja rural.
21. Não creio que a Igreja seja exagerada em se envolver com os problemas sociais do povo. Nós devemos ser voltados para uma pastoral integral, como foi a prática de Cristo: Ele pregou o reino dos céus com toda a clareza mas ele também fez com muito ardor o trabalho para resolver os problemas sociais de seu tempo... providenciou pães, curou doentes, ressurgiu mortos. A pastoral de cristo é integral, globalizada, e nós devemos fazer o mesmo.
22. Nós vivemos na história e por isso a nossa Igreja não deve ter medo de sentir-se chamada e exposta às mudanças que se realizam na história.
23. Eu creio que nós católicos, cristãos, deveríamos estudar mais o Islamismo. Temos entre nós um conceito bastante severo sobre o Islamismo. Ele tem, é claro uma espécie de mistura de política e de religião. Devemos procurar entender positivamente os valores do Islamismo.
24. O Estado é uma entidade leiga e não religiosa. Mas, para ser verdadeiramente democrático, é preciso reconhecer que a religião é importante. O Estado não pode dirigir a religião, mas também não pode impedir a religião de existir. Deve querer o progresso das instituições religiosas que vão fazer o bem para toda a cidadania.

25. Eu rezo por mim mesmo...para rezar com mais intimidade e mais intensidade e escutar a Deus. E rezo por todos os seres humanos, especialmente por aqueles que estão sob o meu cuidado pastoral.
26. Quanto mais eu faço os seres humanos presentes na minha oração a Deus, tanto mais eu sei que estou rezando de maneira correta.
27. Os Monges Cartuxos que temos na diocese, disseram aos nossos Padres Diocesanos: Vocês Padres da vida ativa rezam e devem rezar muito. Nos, os monges cartuxos, também devemos rezar muito, às vezes mais que vocês. Vocês falam aos seres humanos sobre Deus. Esse é o trabalho de Vocês. Nós falamos a Deus do seres humanos, nós fazemos os seres humanos presentes diante de Deus.
28. Estou cada vez mais convencido de que o cooperativismo, entre os abusos exploratórios do capitalismo e o abafamento exercido sobre a humanidade pelo coletivismo, seria o sistema salutar e progressista.
29. Nós não queremos ver pessoas desanimadas, não queremos iludir ninguém não queremos criar falsas expectativas, mas sim a esperança verdadeira.
30. Rezar não é insistir em pedidos para Deus, Deus já sabe das nossas necessidades e é tão bom que vai cuidando de tudo para nos
31. Rezar só é autêntico quando essa palavra significa identificar-se com Deus.
32. O ser humano vai ser feliz e realizado se ele descobrir e aceitar as verdades que ele não pode e não deve modificar.
33. Podemos não mudar o mundo, mas vamos fazer a diferença mudando o mundo de alguém.
34. Ninguém pode dizer que é cristão se não é ecumênico.
35. Vamos fazer. O Dinheiro vem!
36. Coragem é uma palavra que deve sempre nos dar inspiração e fortaleza. Quem é desanimado não serve para viver e nem é capaz de viver direito.
37. Coragem está ligada à esperança porque esperança é aquela virtude que nos condeuz para frente.
38. . A distribuição de terras, ao contrário do que possam pensar os empresários rurais, não favorece o comunismo, mas barra o caminho dele.
39. (Condecoração não aceita) - Depois da transição, quando entrou o Presidente civil José Sarney, um dos primeiros atos que quis fazer foi condecorar os Bispos da Igreja e a CNBB. Convidou a mim, dom Luciano e dom Hélder. E eu disse a dom Luciano: *eu não vou receber essa medalha. Se você quiser ir vá mas eu não me presto para isso*. De fato não fui. Eles não me mandaram medalha. Mas um tempo depois o Sarney me encontrou em uma cerimônia e disse-me: *Será que já acabou nossa mútua raiva?* E eu disse-lhe:
*- Bem, Sr. Presidente, eu não tenho raiva do senhor. Eu só não queria aceitar aquele gesto naquela hora. E ficou nisso*ⁱ.

40. Noutra ocasião o presidente da República, que era um militar, me disse; - Se a Igreja do Brasil continua assim, eu vou ter que ensinar catecismo aos meus netos!

E eu lhe respondi simplesmente:

- Eu acho que isso seria muito bom! ⁱⁱ

41. Meu pai era uma pessoa muito consciente,mas não de muitas palavras. Isso, de sua pessoa, foi sempre para mim, muito importante. Ele vivia no seu trabalho, na sua família, participando da comunidade,mas não era de fazer grandes falas.

42. A minha mãe era uma grande dona de casa e ela, além disso, tinha uma qualidade que sempre me causou admiração: ela lia muito. Era assim muito informada e formava aí sua consciência.

ⁱ Dom José Ivo Lorscheiter - O Bispo da Esperança, escrito por Sergio Augusto Belmonte e Eugênia Mariano da Rocha Barichello. Ed. Pallotti, RS, 2004, pg. 47-48).

ⁱⁱ Comunicado numa conversa à equipe do P.Marins